

ADOLESCER AGRILHOADO?

Visões do internato n'O Ateneu de Raul Pompéia e nas *Memórias de Pedro Nava**

RUI CARNEIRO

ruy.jorge@portugalmail.pt

Normalmente a crítica estabelece a última década do século XVIII como ponto de partida do tema da adolescência na literatura e do desenvolvimento de um género ligado à problemática da aprendizagem e da formação, o *Bildungsroman*.

No Brasil, o *Bildungsroman* tem como matriz *O Ateneu* de Raul Pompéia¹, publicado em 1888. O tema da adolescência vivida em internato teve, depois desse romance, alguma fecundidade nas letras brasileiras, despontando em obras como: *A falange gloriosa* (1917), de Godofredo Rangel; *Doidinho* (1933), de José Lins do Rego; *As três Marias* (1937), de Raquel de Queirós; *Infância* (1945), de Graciliano Ramos; *Balão Cativo, Memórias/2* (1973) e *Chão de Ferro, Memórias/3* (1976), de Pedro Nava.

Quase um século separa *O Ateneu* de *Balão Cativo, Memórias/2*, mas esse lapso temporal pode não implicar, a nível textual, uma forma completamente diversa de abordar aquela questão. Ao longo deste estudo procurarei reflectir acerca do tratamento que cada um dos autores faz do tema, delineando possíveis nexos intertextuais entre as obras analisadas.

* Trabalho elaborado no âmbito do seminário A Literatura Brasileira dos séculos XIX e XX, leccionado pelo Prof. Doutor Arnaldo Saraiva, do Curso de Estudos Pós-graduados em Literaturas Românicas (FLUP, 2003/2004).

¹ Cf. Fábio Lucas, 1995: p. 17: «Tomemo-lo [*O Ateneu*] inicialmente como o nosso primeiro grande romance de formação. O nosso «Bildungsroman» de maior expressão.»

Note-se que o formato memorialístico adoptado por Pedro Nava implica uma visão retrospectiva de factos passados². Assim, apesar do lapso temporal que separa as obras, podemos verificar que os factos relatados nas *Memórias*, relativos a períodos de internato, ocorreram entre 1916-1920 (ou seja, desde o ingresso no Anglo até à conclusão dos estudos liceais no colégio Pedro II), encontrando-se portanto relativamente próximos da realidade descrita por Raul Pompéia. No entanto, esta não deixa de ser uma observação secundária se entendermos que as obras destes dois autores funcionam como um retrato universal e atemporal do ambiente dos internatos³.

1. Duas visões do internato

N' *O Ateneu* somos confrontados com a visão — intrinsecamente negativa — que o narrador autodiegético (Sérgio) tem da sua experiência no colégio que dá nome à obra. Como observa Mário de Andrade: «*O Ateneu* é uma caricatura sarcástica e, relativamente a Raul Pompéia, dolorosíssima, da vida psicológica dos internatos. Digo “caricatura” no sentido de se tratar de uma obra em que os traços estão voluntariamente exagerados numa intenção punitiva.» (Pompéia, s.d.: p. 5). A esta observação podemos acrescentar a seguinte afirmação de Fábio Lucas: «*O Ateneu* ultrapassa os parâmetros conceituais do *Bildungsroman* na proporção em que satiriza com azedume o meio retratado e reflecte uma infância abominável, território de terrível expiação.» (Lucas, 1995: p. 18). De facto predominam os tons mais escuros na paleta que o narrador utiliza quando traça o quadro do seu período de internato. A violência é um dos traços em destaque: por um lado, temos a agressão física exercida por colegas, inspectores ou professores e, por outro, o drama psicológico de um adolescente que, forçado a abandonar a redoma do lar, acaba inserido num espaço pautado por tensões sociais e sexuais.

A crítica já explorou exaustivamente a questão da identificação do autor com o narrador de *O Ateneu*, o que nos permite afirmar, com alguma segurança, que as experiências de Sérgio são em parte devidoras do período que Raul Pompéia passou no Colégio Abílio. Atendendo a

² Cf. José Maria Cançado, 2003: p. 19.

³ Cf. *Idem*, pp. 114-115: «Aí, a mediação entre a experiência individual do aluno Pedro Nava e a generalidade da situação — o mundo dos colégios internos, criados no século 19, e da educação no Brasil — é feita como que numa espécie de pastiche magistral de *O Ateneu*, de Raul Pompéia.»

este facto, não estamos perante um puro exercício de efabulação, mas diante de um relato baseado numa experiência concreta evocada através da memória e que funciona como testemunho de um período determinante, mas por vezes penoso, da existência humana. Se pensarmos que logo a partir do subtítulo *Crónica de Saudades* o autor aponta para uma ruptura do pacto romanesco canónico, estabelecendo com o leitor um contrato de leitura que se aproxima daquele que encontramos nos géneros autobiográficos, acabamos por verificar que *O Ateneu* está em sintonia com a escrita memorialística em geral e com as *Memórias* de Pedro Nava em particular. Ao aflorarmos esta questão, importa notar que estamos perante duas obras de pendor menos canónico. Se quanto a *O Ateneu* parece lícito falar em *romance autobiográfico*, uma vez que é possível estabelecer ligações entre o narrado na obra e o vivido no Colégio Abílio; nas *Memórias*, estamos perante algo que se assemelha a uma *autobiografia romanceada* onde nem sempre se cumpre aquilo que Philippe Lejeune designa como *pacto autobiográfico*⁴. Nava, por vezes, quebra esse pacto, criando uma forma híbrida em que memória e ficção não se excluem, antes se completam na tentativa de atribuir sentidos ao vivido, acabando de certa forma por residir nesse hibridismo alguma da modernidade da escrita naviana.

Pedro Nava assumiu como referências de eleição na literatura brasileira os escritores Euclides da Cunha, Mário de Andrade e o próprio Raul Pompéia. Perante este dado, torna-se ainda mais pertinente averiguar possíveis vectores de ligação entre as obras de Nava e de Pompéia, tanto mais que elas abordam temas semelhantes, como a adolescência e o internato.

As *Memórias* de Nava são, por vezes, objecto de *contaminações* que resultam do recurso a testemunhos externos, sendo notório que um desses textos é o próprio *O Ateneu*. Ao ler *Balão Cativo* rapidamente se percebe que a narração das experiências de internato, quer no Ginásio Anglo-Mineiro, quer no Colégio Pedro II, não deixa de estar marcada pelas leituras que Nava fez de *O Ateneu* particularmente no que diz respeito à época do Pedro II. Isto pode ser facilmente demonstrado através de algumas passagens de *Balão Cativo*, a começar por aquele momento em que Nava enumera os vários documentos que auxiliam a memória num movimento retrospectivo até aos tempos do colégio: «[...] recorri [...] ao

⁴ Cf. Philippe Lejeune, 1975: p. 26: «Le pacte autobiographique, c'est l'affirmation dans le texte de cette identité [autor-narrador-personagem], renvoyant en dernier ressort au "nom" de l'auteur sur la couverture.»

“Ateneu” que é Colégio Abílio, mas sobretudo Chácara do Mata [...] e tudo que ali se diz repetia-se tanto, tanto, mas tanto! no Internato que eu conheci — que o livro de Raul Pompéia indifere a datas e ficou retrato válido de quase noventa gerações [...]» (Nava, 2000: p. 298). Outro momento bem elucidativo é aquele em que o próprio autor reconhece que a sua experiência está *contaminada* pelas vivências do protagonista de *O Ateneu*:

354

«Os colegas começavam a dormir. “Alguns afectavam um esboço comovedor de sorriso ao lábio; alguns a expressão desanimada dos falecidos, boca entreaberta, pálpebras entrecerradas, mostrando dentro a ternura embaciada da morte.” Mas... com todos os diabos! Isto é *Ateneu*, não é meu, é Chácara do Mata e nós estamos em meio século dos depois ou mais, estamos no Campo de São Cristóvão...» (p. 309).

Nesta passagem os dois espaços cruzam-se como numa fantasmagoria, fundindo-se num só, e o narrador de *Balão Cativo* parece acompanhar Sérgio na sua deambulação nocturna pelos «salões adormecidos do Ateneu»⁵. Num outro momento do texto é o autor de *O Ateneu* que, através do mecanismo da memória, regressa ao espaço do Pedro II, juntamente com outros *colegas*: «Não resisto à tentação de escrever uma longa série de nomes, cada um elo da cadeia que nos une numa imensa e secular família espiritual. São os nossos colegas de todos os tempos. Dormimos nos mesmos dormitórios, comemos da mesma comida, passamos pelas mesmas punições, tivemos os mesmos mestres e deles recebemos os mesmos ensinamentos, os mesmos respes, os mesmos prêmios, as mesmas categorias mentais e morais.» (pp. 292-293). Depois de exprimir este desejo, Nava inicia uma longa enumeração, característica do seu estilo, nomeando vários alunos do colégio; e entre aqueles que *do fundo do Tempo respondem — presente!* surge Raul de Ávila Pompéia, aluno externo do Pedro II no ano de 1879⁶.

Esse diálogo com o texto de Raul Pompéia está também presente em *Chão de Ferro, Memórias/3*, nomeadamente, no momento em que

⁵ Cf. José Maria Cançado, 2003: p.116: «É lá, parece dizer o Narrador não sem pesar, mas expandido na sua experiência, que eu estive. Assim, o dormitório de “O Ateneu” (como vários topos do romance de Raul Pompéia) é parte do mobiliário das “Memórias”, e os dias e noites que há nelas são reconfigurados nesse envoltamento e se acrescem das “pálpebras entrecerradas”, da “ternura embaciada da morte”, do “esboço comovedor” que vêm de lá — do arquidormitório e do mundo de Raul Pompéia.»

⁶ Cf. Alceu Amoroso Lima; Roberto Alvim Corrêa, 1957: p. 4.

surge a referência ao professor de ginástica, Guilherme Herculano de Abreu, de quem o narrador afirma o seguinte: «Ele era o próprio professor Bataillard de “O Ateneu”» e acrescenta: «Aos poucos juntei os dois e quando releio “O Ateneu”, coloco o seu vasto campo, com a Princesa e os visitantes, no recreio da nossa Primeira Divisão [...]» (Nava, 200: p. 90). De novo assistimos à fusão dos dois espaços, confundindo-se o lido na obra de Pompéia com o vivido no colégio Pedro II.

Se, como afirma o narrador das *Memórias*, a experiência de Sérgio no internato ficou *retrato válido de noventa gerações*, uma vez que a ambiência do Ateneu é reproduzida durante décadas em inúmeros internatos por todo o Brasil, então também a experiência de Nava no Pedro II é comparável à de muitos adolescentes brasileiros. É o que defende José Maria Cançado:

«O narrador e a matéria da sua memória deslizam da sua circunstância e inscrição locais e específicas para um campo de estimáveis probabilidades, um campo de referenciamento mais geral, espécie de fundo comum da história da educação no Brasil — no qual invenção e documento se confundem, sem detrimento de verdade e realidade da memória, e com amplo enriquecimento da expressividade do que é reconstituído. Uma veracidade multiplicada, ou multiplicação autobiográfica.» (Cançado, 2003: p. 118).

Conclui-se que estamos não só perante textos em diálogo, que devem ser analisados tendo em consideração esse facto, mas também perante textos que, como já foi referido, parecem configurar-se, não tanto como simples ecos de uma experiência pessoal, mas antes como testemunhos válidos de uma experiência plural do internato no Brasil.

2. Adolescer agrilhado?

A adolescência é um período fundamental da existência humana, dado que nesta fase se manifestam no indivíduo transformações a diversos níveis: fisiológico, afectivo, social, intelectual e psicológico. Esse período específico despertou o interesse da psicologia e são várias as teorias do desenvolvimento que equacionam a sua importância na construção da personalidade. Para Piaget, a adolescência corresponde ao *estádio formal*, caracterizado pelo desenvolvimento de uma capacidade de alheamento face ao real que está na base do pensamento abstracto, levando o adolescente a um egocentrismo cognitivo. Freud concebe o desenvolvimento

humano em torno da evolução daquilo que designa como *psico-sexualidade*. Para o psicanalista, à adolescência corresponderia o *estádio genital*, marcado pela reactivação de uma sexualidade que estivera latente durante a fase anterior. Segundo a teoria psicanalítica, o adolescente desenvolve neste período *mecanismos de defesa do Eu* como o *ascetismo* (negação do prazer pela disciplina e pelo isolamento) e a *intelectualização* (concentração de energias em actividades ligadas ao pensamento).

356

Ao longo das páginas de *O Ateneu* ou das *Memórias* são várias as referências a comportamentos que podemos associar a esses *mecanismos*. Sérgio, o narrador de *O Ateneu*, chega ao extremo de enveredar por um certo ascetismo místico: «A neblina de melancolia [...] pesava-me aos ombros como a loba de um seminarista, como o voto de um frade; eu passeava na circunscrição do recreio como num claustro [...] Ninguém sabia dos sonhos e atribuía à excentricidade o meu amor à solidão e ao sossego.» (Pompéia, s.d.: p. 74); «A astronomia, como os céus do salmo, levou-me à contemplação.» (p. 67); «No recreio, andava só e calado como um monge.» (p. 70). Ultrapassada essa fase ascética, o narrador frequentará as sessões do *Grémio Literário Amor ao Saber*, manifestando a vocação intelectualizante da adolescência referida pela teoria psicanalítica⁷. Para Sérgio, a leitura funciona como um meio de abstracção, de fuga a uma realidade atroz:

«Líamos muito em companhia. Páginas que não terminavam, de leituras delicadas, fecundas em cisma: Robinson Crusoe, a solidão e a indústria humana; Paulo e Virgínia, a solidão e o sentimento. Construíamos risonhas hipóteses: que faria um de nós, vendo-se nos apuros de uma ilha deserta?» (Pompéia, s.d.: pp. 165-166).

Não manifestando especial apetência por actividades ligadas à vertente física da máxima de Juvenal⁸, Pedro Nava, da mesma forma que Sérgio n' *O Ateneu*, encontra aquele refúgio intelectual, primeiro nas parcas prateleiras do Anglo e depois na livraria opulenta do tio, o escritor Antônio Salles (Nava, 2000: p. 153 e 206).

⁷ «A maior utilidade do "Grémio" para mim era a biblioteca. [...] E como não divertia bastante o jogo da barra ao sol, nem o rapa-tira-deixa-põe das penas de aço e das carrpetas, nem o correr à panelinha das bolas de vidro espiraladas de cores, fez-se-me a biblioteca a recreação habitual.» (Pompéia, s.d.: pp. 108-109).

⁸ «Já contei meus dissabores com a roupa de futebol, de como o Jones me dispensara desse jogo e me despencara assim, na leitura, na contemplação e no isolamento.» (Nava, 2000: p. 153).

Um aspecto que parece comum aos vários estudos relativos à adolescência, consiste na ideia de que esse período se define pela negativa; o adolescente é um ser em estado de *crisálida*, perdidas as características da *fase larvar* da infância, ainda não está completa a sua metamorfose. Esse estatuto indefinido acaba por originar um período de instabilidade, durante o qual o adolescente procura reintegrar o seu passado, os seus vínculos à infância, numa nova unidade ontológica. Assim sendo, a adolescência pode ser encarada como uma ponte entre dois *mundos*: a infância e a idade adulta. Daí que muitas sociedades primitivas estruturam a passagem para o *mundo* dos adultos em torno de uma ritualística de carácter iniciático que geralmente apresenta uma forte conotação sexual, dado que a adolescência se posiciona também como fase de transição entre o *mundo assexuado* e o *mundo sexual*⁹.

Atendendo ao que acima ficou enunciado, procurar-se-á demonstrar em seguida que o internato pode ser concebido como espaço iniciático, visto que nele terá lugar essa passagem da casa materna (mundo assexuado) para o universo social.

Atente-se primeiro n' *O Ateneu* e nas frases que abrem a obra, misto de conselho e advertência: «Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.» (p. 21). Aquele *mundo* corresponde ao internato, autêntico microcosmo social¹⁰, espaço que acaba por espelhar o outro que se encontra para lá das suas paredes e que está, de igual modo, sujeito a regras inflexíveis e a hierarquias inclementes que legitimam o triunfo dos fortes e autorizam a subjugação dos mais fracos. Depois o narrador assinala o contraste entre a existência infantil na casa materna e as novas experiências que o futuro reserva:

«Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se

⁹ Cf. Arnold Van Gennep, 1981: p. 96: «Ainsi, tout ceci conduit à penser que la plupart d'entre ces rites, dont le caractère proprement sexuel ne saurait être nié, et dont on dit qu'ils rendent homme ou femme, ou aptes à l'être, rentrent dans la même catégorie que certains rites de la section du cordon ombilical, de l'enfance et de l'adolescence, et sont des rites de séparation du monde asexué, suivis de rites d'agrégation au monde sexuel (...)».

¹⁰ O próprio narrador usa a expressão *microcosmo* para se referir ao Ateneu: «Com esta crise do sentimento casava-se o receio que me infundia o microcosmo do Ateneu.» (p. 55); «Ensaiaados no microcosmo do internato, não há mais surpresas no grande mundo lá fora (...)» (p. 187).

encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso.» (p. 21).

358

Note-se, desde logo, a metaforização da ambiência do lar presente na expressão “estufa de carinho”. O lar surge claramente associado à figura materna; a mãe é a figura tutelar desse espaço e será o jugo dos “cuidados maternos” a ser posto em causa com a partida para o internato. Se pensarmos como Freud e acreditarmos que após a puberdade existe uma reactivação do *complexo de Édipo*, percebemos que esse afastamento em relação à figura materna se torne ainda mais dramático. Observada por outro prisma, esta fase pode ser encarada como oportunidade soberana para superar esse *complexo*, já que a separação permite que o adolescente desidealize os pais da infância¹¹. Acrescente-se que a segurança que caracterizava a existência infantil e que é notória na associação *lar / estufa*, acaba por dar lugar à incerteza face ao novo e desconhecido. Finalmente, aquilo que o internato, numa primeira fase, parece revelar de abertura, opõe-se ao carácter limitado, e por isso limitador, da casa materna. Ao entrar para o colégio, Sérgio enfrentará a saída dessa redoma familiar, penetrando num universo que escapa ao seu controlo e perdendo, nesse processo, as “ilusões” que até então marcavam a sua existência.

Num segundo momento, o narrador assinalará a sua incipiente formação escolar:

«Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direcção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. [...]

Leccionou-me depois um professor em domicílio.» (p. 22).

Neste excerto nota-se que estamos perante modelos educativos não institucionais¹². No primeiro caso, o ensino não é ministrado por um

¹¹ Anna Freud chama a esse processo o *luto dos -imagos- parentais*.

¹² Regina Zilberman considera esta passagem de *O Ateneu* bastante elucidativa no que diz respeito aos modelos de ensino predominantes no Brasil do século XIX: «Eis aí os três modelos de ensino que vigoravam na educação brasileira: as escolas de uma única sala de aula, de um único proprietário-professor, autoritário e incompetente, onde estudavam alunos em diferentes estágios de conhecimento.» (Zilberman, 1995: p. 78).

profissional reconhecido, mas por umas *senhoras inglesas*, acerca das quais nada mais se diz, supervisionadas pelo pai, cujas habilitações desconhecemos. Apenas mais tarde surge a figura do professor, mas o carácter não institucional do ensino é ainda mais evidente neste caso, dado que o narrador recebe lições sem se ausentar da “estufa” doméstica. Esta primeira fase será classificada pelo narrador como simples “ensaio da vida escolar”, e de facto não passa disso, já que a experiência escolar propriamente dita surge apenas no internato. A transição para o Ateneu será pois repentina e brutal; sem uma experiência intermédia que o prepare para as agruras do colégio, Sérgio viverá o internato como um longo período de provação e privação.

Analise agora a forma como é descrita a existência na casa materna face ao ingresso no Ateneu:

«Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade.» (p. 22).

Se reflectirmos acerca destas palavras, notamos que *ir interno* pode ser semelhante a um *segundo nascimento*, momento que encerra o período da infância e a partir do qual a criança desponta para a adolescência. Essa associação parece plausível se tivermos em conta que a definição da individualidade implicará uma ruptura com a “placenta familiar”; para conquistar a sua autonomia e definir-se como indivíduo, a criança terá agora de completar em termos psico-afectivos a cisão umbilical que a separou da mãe¹³. Note-se que utilizo a noção de *segundo nascimento* de forma a demonstrar que, como qualquer outro fenómeno iniciático, a frequência do internato pode ser encarada como *morte e ressurreição*: durante esse período a criança deve desaparecer para dar lugar ao adolescente. Jean Cazeneuve assinala aliás que essa ideia de *morte e ressurreição* está presente nas cerimónias iniciáticas primitivas¹⁴. Acrescente-se que “estufa de carinho” e “conchego placentário” são expressões que podem remeter, não apenas para a casa materna, mas também para a vida intra-uterina; esta associação, que me parece válida, legítima o

¹³ A cisão do cordão umbilical é tradicionalmente símbolo de transição e purificação.

¹⁴ Mas a maneira mais eficaz de tornar evidente para o neófito a ruptura com o seu passado de não-iniciado, consiste no ritual muito divulgado da morte e do novo nascimento. (Jean Cazeneuve, s.d.: p. 237).

conceito de *renascimento*, o que reforça ainda mais a ideia exposta anteriormente.

Num primeiro momento é com apreensão que o narrador encara a nova fase que definirá a sua individualidade, visto que parte “virgem para as sensações novas” que o esperam, assumindo mesmo alguma dose de amargura ao abandonar a rotina das brincadeiras infantis. Acabará contudo por superar essas dúvidas iniciais, ao perceber que a separação poderá representar uma valorização pessoal, ao permitir o acesso a um estatuto superior:

«Mas um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade: distanciava-me da comunhão da família, como um homem! Ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobrava.» (p. 23).

Esta visão algo idealista que, por momentos, Sérgio tem do internato como oportunidade para definir a sua autonomia e se afirmar como homem, mostra-nos que o próprio narrador está consciente do carácter iniciático da experiência. No entanto esse ânimo inicial não passará de um lampejo fugaz de vitalidade num carácter frágil como o de Sérgio. A transição para a cidade não se completa; da casa materna o narrador passa para o microcosmo do internato e as saídas não são aproveitadas para deambular pela cidade, mas configuram-se apenas como um regresso ao lar:

«Durante a primeira quinzena de colégio, o pensamento de um feriado e regresso à família inebriou-me como a ansiedade de um ideal fabuloso. Quando tornei a ver os meus, foi como se os houvesse adquirido de uma ressurreição milagrosa. Entrei em casa desfeito em pranto, dominado pela exuberância de uma alegria mortal.» (p. 91).

O microcosmo grotesco do colégio, pautado por relações interpessoais frias e por comportamentos desviantes, acaba por sobressair como modelo social arquetípico, condicionando a visão que Sérgio terá da sociedade e deformando a sua personalidade. Durante a passagem pelo Ateneu, o narrador não conseguirá verdadeiramente superar o vínculo que o liga à família, porque — ao contrário de Nava — Sérgio não encontra um único amigo verdadeiro no internato, pelo que os seus modelos continuem a ser figuras paternas idealizadas: Aristarco¹⁵ e D. Ema¹⁶. Assim, e apesar

¹⁵ Cf. Sonia Sachs, 1995: p. 66.

¹⁶ Cf. *Idem*, p. 67.

de uma certa crença inicial na oportunidade conferida pelo internato para a afirmação da liberdade individual, essa acaba por ser uma esperança infundada, dado que o Ateneu é concebido como espaço centrípeto que no decurso do processo de socialização esmaga o indivíduo e acaba, de forma contraproducente, por o enclausurar autofagicamente em si mesmo.

Observemos agora como se processa essa transição nas *Memórias*. Em *Balão Cativo*, Pedro Nava descreve a passagem para o internato de forma aparentemente muito semelhante ao que se encontra narrado n' *O Ateneu*. O fio narrativo chega a ser idêntico àquele que encontramos na obra de Pompéia. O narrador começa por descrever a sua formação escolar pré-internato (que difere do relato de *O Ateneu* pelo facto de o carácter institucional do ensino ser já evidente nessa primeira fase), dando conta da passagem por vários externatos: o *Colégio Andrès*, a *Escola Pública do Rio Comprido* e finalmente o colégio *Lucindo Filho*. Segue-se a primeira passagem pelo regime dos internatos: o cenário é Belo Horizonte e a instituição de ensino o Ginásio Anglo-Mineiro. Seguindo a mesma linha de análise que foi utilizada no caso de *O Ateneu*, verificamos que Pedro Nava descreve o período da infância servindo-se de uma imagética similar àquela que tinha sido utilizada por Raul Pompéia:

«No Colégio Andrès, na Escola Pública do Rio Comprido, no Lucindo Filho, eu tinha sido aluno externo e, preso à placenta doméstica, mal reparara, mal convivera com meus colegas. Tinha vivido em família, no meio de velhos — velhos mesmo ou que pelo menos assim pareciam para mim. Ainda não tinha convivido, concorrido, dado de cotovelos com gente de minha idade.» (Nava, 2000: p. 135).

Há de facto ideias que se repetem quando comparamos este excerto com *O Ateneu*, desde logo a mesma noção de lar como prisão. No entanto, apesar de estar unido ao clã pelos laços de sangue, este narrador não parece identificar-se completamente com o grupo familiar devido a uma certa incompatibilidade geracional. Os familiares são classificados como “velhos”, algo que se compreende se pensarmos que aqueles não partilham das angústias e aspirações pessoais do adolescente. Durante a infância, a vida do narrador decorrerá sempre à margem dos outros; o verdadeiro convívio ficaria reservado para a fase seguinte, quando se relacionasse com jovens da mesma idade e assumisse finalmente um lugar nesse novo grupo.

Nas *Memórias* temos presente a mesma ideia de internato como *segundo nascimento* que encontramos n' *O Ateneu*, sendo que em Nava surge mais efectivada essa desvinculação em relação ao mundo familiar.

Há com o internato uma notória cisão da ligação que o guiava exclusivamente para junto dos seus e a abertura a uma multiplicidade de relações interpessoais.

O narrador de *Balão Cativo*, ao contrário do que acontece com Sérgio n' *O Ateneu*, acaba por mergulhar na vida social do Rio de Janeiro durante os dias de saída, oferecendo ao leitor uma visão algo pitoresca da sociedade brasileira da época. Durante alguns fins-de-semana, Pedro acompanhará *Seu* Libânio da Rocha Vaz, que fora amigo de seu pai, e os filhos (colegas do narrador no colégio) nos passeios pela cidade, percorrendo as confeitarias, dando “voltas de bonde”, descendo à “Babilônia do Bar do Ponto” e frequentando as matinés de cinema. No entanto, esta é apenas uma experiência embrionária, visto que a presença da figura tutelar do adulto ainda coíbe a liberdade do adolescente. O universo social adquire maior relevo durante o internato no Pedro II, momento em que o narrador, a propósito das saídas do colégio, utilizará a expressão “ganhar a cidade” (p. 343), que ilustra bem a importância desse feito para os internos. O cenário será o Rio de Janeiro, desaparece o adulto e *ganha-se a cidade* em conjunto com o grupo de amigos. Esta nova experiência é vista pelo narrador como uma oportunidade para desenvolver e pôr em prática a aprendizagem teórica, de cariz sexual, iniciada anteriormente no internato através do contacto com um género específico de literatura de cordel, os “livros de sacanagem”¹⁷: «Era ali, naquelas ruas rios que descia à deriva a continuação dos nossos livrinhos de sacanagem — passados de fotografia a fato.» (p. 344).

A literatura de cordel também surge n' *O Ateneu* e o narrador considera a leitura de folhetins, por um lado como um acto ilícito, como uma transgressão aos códigos rígidos do internato, e por outro como uma experiência iniciática:

«Como tardava o criado, apanhei aborrecido um folheto que ali estava à mesa dos assentos, entradas de enxoval, registos de lavandaria. Curioso folheto, versos e estampas... Fechei-o convulsamente com o arrependimento de uma curiosidade perversa. Estranho folheto! Abri-o de novo. Ardia-me à face inexplicável incêndio de pudor, cons-

¹⁷ Cf. Nava, 2000: p. 340: «Aplicando o espírito de método podemos distinguir os “livrinhos” em três grupos. Primeiro, os só de fotografia com legenda ou quadrinha em baixo. Segundo, os narrativos. Terceiro, pequenas reportagens tendo como ponto de partida um dos “fait-divers” contra os costumes noticiados na imprensa e que era glosado com fotografias, desenhos explicativos e versalhada indecente.»

trangia-me a garganta esquisito aperto de náusea. Escravizava-me, porém, a sedução da novidade.» (Pompéia, s.d.: p. 43).

Regressando às *Memórias*, verificamos que o narrador sai do colégio, embrenhando-se na cidade e percorrendo o dédalo de «ruas de má fama» onde habitava «humanidade por quem em verdade Cristo ainda não morrera na Cruz» (Nava, 2000: p. 343). Este é um mundo babilónico, caótico, cujo traço mais forte é o movimento, que lembra as «multidões de Velásquez em *A Rendição de Breda*, ou de Breughel, o Velho, em *A Torre de Babel*» (p. 343):

363

«Os colegiais passavam repassavam prodigiosamente divertidos. Alguns, dos maiores, parlamentavam, entravam. Os menores iam pelo meio da rua, fascinados e em pânico porque sabiam que havia mulheres que tomavam de repente os bonés e só os devolviam depois de repastadas de carne tenra de menino.» (p. 344).

O narrador encara o Rio de Janeiro da época como uma cidade, mais do que liberal, libertina, o que se repercute no mundo psicológico daqueles adolescentes à descoberta da sua sexualidade. Reflexo dessas influências e da importância do elemento sexual no quotidiano do colégio seria o interesse que os internos manifestavam por certas representações pictóricas de teor pornográfico:

«Com mais realismo e mais intenção que o antepassado das cavernas, enchíamos as paredes do colégio e suas latrinas e suas carteiras de inscrições a lápis, a pena, a giz, a canivete — de representações fálicas, vaginais e anais, de mulheres nuas, de gente trepando; de professores e inspetores em fraldas e comendo uns aos outros [...] Muito destas representações pornográficas eram estimuladas pelo que o Rio de Janeiro descontraído de então oferecia a toda gente.» (p. 338).

Este excerto mostra-nos que haveria, a respeito da questão sexual, uma circularidade entre o colégio e a cidade. Por um lado, as cenas que o narrador observa nas ruas do Rio seriam a transposição efectiva daquilo que encontrara nos “livros de sacanagem” consultados no colégio; por outro, a cidade era fonte de inspiração para as gravuras de cariz sexual espalhadas por todo o colégio. O memorialista aponta explicações que são pertinentes para melhor enquadrarmos este aspecto no processo de transição entre a *casa materna* e o *universo social*. Diz-nos o autor que

essa *inflação de pornografia* nos internatos brasileiros da época seria não só uma forma de compensação das frustrações sentidas pelos adolescentes no dealbar do contacto com o mundo, mas também, e sobretudo, uma reacção contra a violenta «compressão do meio familiar» (p. 345).

Essa obsessão erótica, que se estendia ao próprio jornal manuscrito e clandestino criado pela classe do narrador, não estaria contudo na origem de qualquer tipo de comportamento desviante (de tipo sexual) assumido abertamente. De facto, apenas são referidas algumas relações de carácter mais dúbio imediatamente reprimidas pela fiscalização movida por colegas e adultos:

«Haveria qualquer coisa latente em certas preferências, em certas amizades meio angustiosas [...]. Mas nada se exteriorizava francamente porque a fiscalização era geral. Seria impossível namoro igual ao do Egbert e do Sérgio em *O Ateneu*.» (p. 348).

A partir das palavras do narrador, verificamos que nas *Memórias* surge uma visão do internato que apesar de similar em muitos aspectos, apresenta diferenças em relação ao que encontramos n'*O Ateneu*. A crítica já assinalou que a obra de Pompéia funciona como uma espécie de vingança contra um internato caracterizado sobretudo pelo seu carácter repressivo. Nava adoptará em relação aos colégios que frequentou uma postura diferente e o internato parece de facto surgir nas *Memórias* como espaço propício à autonomia, à liberdade e à definição da individualidade¹⁸.

3. Adolescentes agrilhoados ou modernos primitivos?

Os dois autores aqui estudados configuram o internato como organismo altamente hierarquizado, qual pirâmide encimada pela figura do Director, a que se seguem professores e inspectores e em cuja base estão os alunos. Mas dentro dessa hierarquização institucional surgem hierarquias paralelas no seio do grupo que é a base da pirâmide. É essa organização que os alunos estabelecem entre si que parece mais significativa na concepção do internato como espaço iniciático.

¹⁸ «Esse [o meio familiar] era tão sem ar nos verdes anos de minha geração que os externatos e internatos eram uma alforria. O menino livrava-se do adulto-rei, confraternizava na mesma idade, se equilibrava e se gratificava com o proibido. Pensava alto, falava, agia descontando e se vingando.» (Nava, 2000: p. 345).

A questão da organização hierárquica nas *Memórias* de Nava encontra-se patente sobretudo no internato do Rio de Janeiro e não tanto na fase de Belo Horizonte, uma vez que, no momento em que o narrador ingressa no Pedro II, já este colégio possuía uma tradição praticamente centenária¹⁹ como instituição escolar. No caso do Anglo, pelo contrário, o ingresso do narrador acaba por coincidir com a data da inauguração, não existindo portanto hierarquias pré-estabelecidas entre alunos. Assim sendo, em relação a este aspecto em particular analisar-se-á apenas o período de internato relativo ao Colégio Pedro II.

O narrador quando chega ao colégio é imediatamente confrontado por um colega com a hierarquia da casa:

«Os alunos do primeiro ano eram os bichos. E fique sabendo que bicho aqui não tem a menor regalia. Os do segundo, calouros. E calouro não passa de bicho enfeitado. Veteranos, com todos os direitos, eram os reis do terceiro ano, os imperadores do quarto e os bacharelados do quinto.» (Nava, 2000: p. 304).

Depois desse momento o narrador perceberá metaforicamente o organismo do colégio como uma divindade Hindu, com «cabeça de ouro, peito de prata, barriga de bronze, pernas de zinco e pés de barro» (p. 304), acabando por afirmar o seguinte: «Eu era do barro vil dos pés. Bicho — palavra sempre ligada a indecente.» (p. 304). De facto, antes de completar a sua iniciação, o recém-chegado é classificado como “bicho”, um ser ao mesmo tempo informe e impuro (como o narrador não deixa de frisar), reforçando essa ideia através daquela associação ao “barro vil”. Assinale-se que, nas culturas primitivas, os não-iniciados também são considerados seres impuros, como salienta Cazeneuve: «O neófito, antes de chegar à iniciação propriamente dita, é um ser impuro, já que não está ainda integrado no quadro da verdadeira condição humana.» (Cazeneuve, s.d.: p. 239).

No que diz respeito à obra de Pompéia, Sérgio, quando chega ao colégio, é imediatamente rotulado de *calouro*, o que sugere uma hierarquia idêntica à do Pedro II. Note-se ainda que a organização hierárquica assume no Ateneu uma vertente conotada sexualmente — que de certo modo também encontramos nas *Memórias* —, englobando os *dominadores* e os *dominados*. Repare-se no que diz Rebelo, um colega mais velho do Ateneu, ao narrador:

¹⁹ Cf. Regina Zilberman, 1995: p. 79: «O ensino seriado, em escolas leigas, é inaugurado pelo Colégio de Pedro II, fundado em 1837.».

«Os génios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingénuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo.» (Pompéia, s.d.: p. 46).

Nos dois casos analisados, os adolescentes terão de levar a cabo, durante a passagem pelo internato, a dura escalada da pirâmide hierárquica, sendo a iniciação apenas a primeira fase desse processo.

366

Toda a cerimónia iniciática implica uma série de rituais. Nas obras analisadas, esses rituais assumem a forma de *troles* infligidos aos alunos recém-chegados ao colégio. Nas *Memórias* são vários os *troles*, desde a simples “cacholeta”, passando pelo “bolo-humano”²⁰ (geralmente seguido por uma “saraivada de cacholetas”, uma “trovoada de murros” e novo “bolo-humano”) até ao mais complexo e sexualmente conotado “suplício chinês” (Nava, 2000: p. 303). Os *troles* acabam por ter no microcosmo do colégio função análoga às provas e mutilações corporais que os jovens iniciados enfrentam nas culturas primitivas. Apesar disso, a violência no internato está mais orientada para a humilhação, muitas vezes de cariz sexual, e não tanto para a avaliação da coragem ou virilidade dos mais jovens.

Igualmente de pendor iniciático seria a “brincadeira”, classificada de “pornográfica” e vinculada à «preocupação fálica e anal que consciente ou inconscientemente enchia o internato [...]» (Nava, 2000: p. 321), que consistia em “sentar a vítima” numa raiz de cajazeira ironicamente alcunhada “Zé Fidélis” que por obra da natureza ou por perversão de um *artista* adolescente adquirira conotações fálicas que faziam dela:

«Um pinguelo duns oitenta centímetros, mais grosso que gomo de bambu-imperial. E servia de altar iniciático aos jovens malandros que repetiam sem saber, velhos ritos gregos de fecundidade ou, mais propriamente e deixando a fecundidade de lado, só ritos gregos. Aquilo era duas, três vezes em cada recreio.» (p. 322).

Este ritual, para além de ser uma reminiscência de primitivos ritos de fecundidade (não apenas gregos, como aponta o narrador, mas comuns

²⁰ «Aturdido, cascos para o ar, ouvi os gritos do Andréa chamando a matilha — bolo-humano! bolo-humano! bolo-humano! Logo três, cinco, dez canalhas vieram correndo, pulando alto, caindo de bunda uns sobre os outros no bolo humano de que ai! de mim, eu era a camada mais baixa e mais socada.» (Nava, 2000: p. 303).

a várias culturas), é também uma forma de exercer uma violência — mais simbólica do que propriamente física —, que se coaduna com os parâmetros de algumas cerimônias iniciáticas. O narrador descreve pormenorizadamente toda a ritualística:

«A matula de meia dúzia ou de oito patifes, já combinados entre si, gritava de repente. Agora o Fulano, ou Beltrano, ou o Sicrano. Unha nele e vamos senta ele no Zé Fidelis. Num instante o pobre efebolion era garroteado, levantado, levado para o pé da cajazeira e escanchado simbolicamente sobre a raiz indecente. Uns segundos, era logo solto, levava uma rápida brochada e corria para longe [...]» (p. 322).

367

Antes de ser iniciado no grupo, o recém-chegado tem de compreender as suas regras e sujeitar-se a elas; os *trotos* garantem o domínio dos mais velhos sobre os mais novos e mantêm a hierarquia estável. Em obediência à tradição, no ano seguinte será o próprio Pedro Nava a executar o ritual, empossado como membro efectivo do grupo. No terceiro volume das *Memórias, Chão de Ferro*, o cenário repete-se, diferindo apenas num aspecto — o outrora dominado pertence agora à classe dos dominadores:

«Logo depois de me entender com o Candidinho corri a ajudar os colegas que cercavam espantados bandos de bichos indecentes! submetendo-os à cacholeta regulamentar, aos cascudos, aos murros; esmagando alguns sob as pirâmides do bolo humano; levando aos arrancos os eleitos para o “suplício chinês”.» (Nava, 2001: p. 119).

Aí surge a repetição daquilo que, um ano antes, Andréa explicara ao narrador acerca do organismo do colégio: «Gozei prodigiosamente quando expliquei a um mais contundido, que fora se desalterar no bebedouro²¹, as hierarquias do colégio.» (Nava, 2001: p. 119).

O *Ateneu* apresenta uma ritualística semelhante, como se pode ver no seguinte excerto: «Num ponto e noutro formavam-se pequenos sarilhos, condensando irregularmente a dispersão dos alunos. Eram os pobres novatos que os veteranos sovavam à cacholeta, fraternalmente.» (Pompéia, s.d.: p. 47).

No entanto o fim do internato representa o fim da adolescência, e com o avançar da idade instala-se a nostalgia perante a passagem do

²¹ Assinale-se que esse acontecimento terá lugar no mesmo espaço da cena de *Balão Cativo*: o bebedouro.

tempo e a efemeridade da vida, que leva ambos os narradores ao esquecimento das agruras do colégio.

Pedro, em 1920, no final dos anos de internato, estaria ansioso por abandonar o colégio; em 1976, o mesmo Pedro, mais velho, deixava-se invadir pela nostalgia e sentia saudades do passado: «Mas o nosso período do colégio chegava ao fim. Ansiávamos por ele. Queríamos ir embora, terminar o curso, viver. Não sabíamos que estávamos acabando, ai! de nós, a descompromissada adolescência, para entrar de chofre na mocidade com seus cuidados e ansiedades. Não sabíamos que jamais teríamos tempo igual ao do internato, com sua disponibilidade, seu compasso de eternidade...» (Nava, 2001: p. 282).

No final de *O Ateneu* surge também uma breve reflexão acerca da memória e do passado: «Aqui suspendo a crónica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos factos, mas sobretudo — o funeral para sempre das horas.» (Pompéia, s.d.: p. 216).

Ao longo destas páginas procurou-se demonstrar que nas obras estudadas o internato pode ser concebido como espaço / período de transição. Durante a adolescência a criança dá lugar ao adulto; durante o internato o familiar dá lugar ao social.

A ideia de passagem para um novo universo está presente tanto nas *Memórias* como n' *O Ateneu*; as diferenças que encontramos referem-se à forma como se processa essa transição. Nas *Memórias*, o internato funciona como ponte entre o *lar* e a *cidade*, o que explica que por vezes surja conotado positivamente. N' *O Ateneu*, a situação apresenta-se noutros moldes, uma vez que a vivência social se encontra confinada ao colégio, onde se encontram ampliadas as agruras do mundo exterior. Enclausurado no reduto do colégio, muitas vezes privado das saídas, Sérgio não pode deixar de conceber o exterior como um duplo do microcosmo onde se encontra. Por isso, descrente da humanidade, acaba por refugiar-se em si mesmo, coarctando o desenvolvimento de relações interpessoais.

Concluimos que nas obras analisadas existem semelhanças evidentes no que diz respeito à matéria aqui tratada e nexos intertextuais que permitem afirmar que em relação à experiência de internato as *Memórias* funcionam quase como um *pastiche* (Cançado, 2003: pp. 114-115) de *O Ateneu*. No entanto, e no que diz respeito à concepção do internato, cada autor utiliza cores diferentes na sua paleta: n' *O Ateneu* encontramos tons escuros aplicados com *pincladas* violentas, enquanto que Pedro Nava prefere juntar aos aspectos mais sombrios do internato um pouco de colorido, olhando retrospectivamente essa experiência como algo de positivo na definição da sua personalidade.

BIBLIOGRAFIA

1. Obras analisadas

NAVA, Pedro,
2000, *Balão Cativo*, São Paulo, Ateliê Editorial.

NAVA, Pedro,
2001, *Cbão de Ferro*, São Paulo, Ateliê Editorial.

POMPÉIA, Raul
s.d., *O Ateneu*, Lisboa, Livros do Brasil.

369

2. Bibliografia específica

Sobre Pedro Nava

CANÇADO, José Maria
2003, *Memórias Videntes do Brasil*, Belo Horizonte, Editora UFMG.

CARDOSO, Marília Rothier; VASCONCELOS, Eliane (sel. e org.)
2003, Catálogo da exposição: *Pedro Nava — O Alquimista da Memória*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Sobre Raul Pompéia

BOAVENTURA, Maria Eugenia; LEVIN, Orna Messer (org.)
1995, *Remate de Males*, n.º 15 — *Raul Pompéia*, Campinas, UNICAMP.

LIMA, Alceu Amoroso; CORRÊA, Roberto Alvim (dir.)
1957, *Raul Pompéia — Trechos Escolhidos*, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora.

LUCAS, Fábio
1995, «As várias faces de Raul Pompéia e *O Ateneu*», in *Remate de Males*, n.º 15 — Raul Pompéia, ed. cit..

PERRONE-MOISÉS, Leyla (dir. e org.)
1988, *O Ateneu — Retórica e Paixão*, São Paulo, Brasiliense / EDUSP.

SACHS, Sonia
1995, «*O Ateneu* e a projecção romanesca do romance familiar», in *Remate de Males*, n.º 15 — Raul Pompéia, ed. cit..

ZILBERMAN, Regina

1995, «Um assunto entre Pompéia e Abílio», in *Remate de Males*, n.º 15 —
Raul Pompéia, ed. cit..

3. Bibliografia geral

CASTRO, Sílvio (dir.)

1999, *História da Literatura Brasileira*, vols. II e III, Lisboa, Publicações
Alfa.

CAZENEUVE, Jean

s.d., *Sociologia do Rito*, trad. de M. L. Borralho, Porto, Rés.

LEJEUNE, Philippe

1975, *Le pacte autobiographique*, Paris, Éditions du Seuil.

VAN GENNEP, Arnold

1981, *Les rites de passage* (reimp. da ed. de 1909), Paris, Éditions A. & J.
Picard.